

**O mito identitário brasileiro num
poema de David Mourão-Ferreira**
*[The Brazilian identity myth in a
David Mourão-Ferreira's poem]*

REGINA CÉLIA DE CARVALHO PEREIRA DA SILVA

Docente de Língua, Cultura e Tradução Portuguesa do Instituto Camões de Lisboa na Faculdade de Letras, Università degli Studi Suor Orsola Benincasa – UNISOB, Nápoles, Itália.

[reginasilva@instituto-camoes.pt]

[rpereiradasilva@hotmail.it]

RESUMO

Atraído por realidades de culturas e tempos diversos do seu património pessoal, David Mourão-Ferreira elabora poemas que representam uma etapa especial da sua poética. Descrevendo e revivendo determinadas paisagens e períodos históricos cria um cruzamento temporal que tenta reinterpretar episódios coletivamente memoráveis. A realidade histórica mas invisível da Conjuração Mineira de Vila Rica de 1789 inspira-o, de facto, a produzir uma composição lírica construída como se fosse um puzzle, parte de um todo. Tal evento é-lhe familiar devido ao seu trabalho de estudioso e à leitura aprofundada de obras brasileiras que abordam esta temática. Tendo em conta a bibliografia já existente sobre tal questão, escolhe uma forma literária bem determinada, a qual demonstra explicitamente qual era o génio e a íntima bagagem intelectual do poeta. Revelam-se imprescindíveis as suas relações com escritores, poetas e pensadores brasileiros. Trata-se de uma nova/outra interpretação do mito identitário brasileiro.

Palavras-chave

Poesia; Mourão-Ferreira; *rimance*; Inconfidentes; memória.

ABSTRACT

Attract by others cultures and epochs that are different of his personal patrimony, David Mourão-Ferreira writes poems that represent one special moment of his poetry. Describing and living in first person some geographical and historical scenes he creates a temporal passage that tries to understand collective memorable episodes. The real reality of the Vila Rica's mining revolution, 1789, became an important inspiration for the poet that composed a new lyric because he's a student of this matter. He had a deep contact with the Brazilian literature about such theme. In fact, this poem represents a new/other interpretation of the identity Brazilian myth.

Key-words

Poetry; Mourão-Ferreira; *rimance*; *unconfident's*; memory.

A obra literária de David Mourão-Ferreira (1927-1996), figura multifacetada portuguesa, é extremamente rica e vasta. Três são os ciclos editoriais que caracterizam a sua produção intelectual e cada um contém características exclusivas peculiares da produção intelectual de Mourão-Ferreira. O presente estudo insere-se no contexto literário típico do terceiro ciclo editorial, visto que este representa o período no qual o escritor, na sua qualidade específica de vate, revela a sua escritura como parte integrante do ‘ser moderno’, apesar de seguir modelos clássicos (incluindo tudo aquilo que tais arquétipos contêm de antinómico). Na realidade, a arte poética já o conhecia como autor de várias composições líricas que transmitiam o seu grande interesse pela transmutação temporal através duma inclusão constante de elementos típicos de outras culturas e eras. De facto, é precisamente durante este período da sua vida que publica o volume *Imagens da poesia europeia*, retrato e expressão de algumas culturas europeias. No entanto, é no volume de ensaios de maior arco temporal, *Hospital das letras*, publicado em 1966, que Mourão-Ferreira aprofunda os seus estudos e conhecimentos. Escreve então páginas fundamentais sobre as obras de vários autores portugueses e brasileiros, desde Sá de Miranda, Vitorino Nemésio até Cecília Meireles e Vinicius de Moraes.¹

Durante os anos ’80 a sua poesia vai concentrar-se principalmente na procura e tentativa de encontrar a imortalidade imediata. Começa então a publicar uma série de composições poéticas redigidas em forma de romance em redondilha menor. Os temas abordados nestes textos apresentam elementos comuns, pois o poeta exprime o desejo de querer reviver e comemorar lugares, sons e personagens históricas, além de evocar momentos pessoais do próprio passado. É no volume *Órfico Ofício* (1972-1978) que encontramos publicados a maior parte destes romances, identificados com o título “Os lúcidos lugares” (MOURÃO-FERREIRA, 1988, p. 290). São versos que partem de Granada e passam pela Itália, por Dubrovnik, Cnossos, Rodes e Éfeso, espaços que abrem o horizonte do pensamento e permitem ao poeta revelar o seu próprio europeísmo.

Segundo a tradição lírica europeia e em especial aquela ibérica, o *romance*² consiste num poema composto por versos simples e curtos destinado a ser cantado pelos trovadores ao som da viola. Geralmente o tema tratado era de carácter histórico, autêntico e fortemente emotivo, visto que, no fundo, a sua função era aquela de informar o público. Por isso, permanecia frequentemente na memória coletiva popular. Ora, o poema “Romance de

1 David Mourão-Ferreira foi sócio-correspondente da Academia Brasileira de Letras.

2 Definida também como *xácara*, ainda hoje é frequente ouvi-la cantada em alguns lugares brasileiros.

Ouro Preto”, escrito em forma de romance, faz parte do volume intitulado *No veio de cristal* (MOURÃO-FERREIRA, 1988, p. 398-400), que recolhe parte da produção lírica do poeta dos anos oitenta. Se analisarmos com minuciosidade os textos em verso divulgados nesse livro, notaremos que existe uma espécie de progressão na sucessão dos poemas apresentados. O poeta inicia com Camões, “Fala apócrifa de Camões” (MOURÃO-FERREIRA, 1988, p. 397), prossegue com “Caravela” (MOURÃO-FERREIRA, 1988, p. 398), de modo a introduzir a controvérsia histórica luso-brasileira característica de Vila Rica (1789), regressando depois para o seu ambiente natural com “Ao reencontro de Lisboa” (MOURÃO-FERREIRA, 1988, p. 401).

Dedicado aos seus amigos brasileiros, o “Romance de Ouro Preto”, escrito em 1986, quer dar uma nova leitura daquele acontecimento e de certa maneira reinterpretar o mito de identidade brasileiro. Mourão-Ferreira, intelectual do seu tempo e cidadão europeu, põe em evidência neste poema elementos provenientes da cultura brasileira que estão estreitamente ligados com a história nacional portuguesa.

O movimento de contestação brasileiro contra o poder colonial luso, denominado como Inconfidência Mineira (1789), foi instituído pelo governo do Brasil como fundador da identidade nacional depois de um longo período de controvérsia entre a monarquia e a república. Vários historiadores tentaram analisar e compreender os conflitos que se sucederam entre colonos e habitantes da América Portuguesa³, o que deu origem a diversas interpretações historiográficas que se baseiam na noção de nativismo e mais recentemente de identidade. Mas o movimento da Conjuração Mineira não foi só objeto de estudo dos investigadores históricos, muitos escritores e artistas se ocuparam também desta questão. Entre as numerosas criações literárias que contribuíram para a consolidação deste mito identitário sobressai a extraordinária obra de Cecília Meireles *Romanceiro da Inconfidência*, publicada no Rio de Janeiro em 1953. Este texto, escrito durante os anos quarenta, é constituído por um conjunto de romances, poemas curtos de carácter narrativo e líricos e entranhados por um forte simbolismo. A obra de Cecília Meireles apresenta uma forte influência da tradição poética histórica luso-hispânica. No *Romanceiro da Inconfidência* a autora conta a história da tentativa de libertação do Brasil ocorrida em Minas Gerais no século XVIII. Seguindo o modelo estrutural de Cecília Meireles, que David Mourão-Ferreira tinha estudado (MOURÃO-FERREIRA, 1966, p. 209-222), o poema “Romance de Ouro Preto” quer consagrar uma homenagem à eloquência da poetisa Cecília Meireles e, simultaneamente, comemorar

3 Conceito e expressão usada por Martha Victor Vieira.

um acontecimento histórico determinado do povo brasileiro – a Conjuração Mineira. A metamorfose temporal elaborada pelo poeta recupera materiais do passado conjugando-os com elementos do contemporâneo. O cenário colonial recriado pela arte e génio de Cecília Meireles debate-se com uma sociedade diferente, a vivente. De facto, Cecília Meireles, através da narrativa, tinha-lhes dado vida, uma *vida nova*, visto que clamavam suplicantes aos inconfidentes. Esta escritora já se tinha dedicado precedentemente a este tema com a criação da *Balada de Ouro Preto*, inserida na obra *Retrato Natural* e a qual Mourão-Ferreira define como perturbadora.

Apesar de tudo, nas últimas décadas do século XIX, a Inconfidência Mineira tem sido um elemento essencial para a construção de uma historiografia determinada e para a tomada de certas posições políticas. É nesse contexto que a figura do popular Tiradentes se torna num símbolo – ponto de referência para o movimento libertador brasileiro. Latente a este momento de revolta localizado, revelava-se um forte desejo de autonomia social e económica. Reviver esta *memória* implica, de facto, contemplar e discutir o desejo de independência do Brasil; as condições que provocaram o fim do império português no Brasil; a evolução da humanidade; o desenvolvimento tecnológico; a educação política, social e religiosa renovada; a visão renovada do mundo globalizado, isto é, um novo contexto histórico, psicológico e literário. É, portanto, intencional a forma na qual o poeta Mourão-Ferreira estrutura o poema, e o seu título “Romance de Ouro Preto” não é, pois, um caso. Trata-se de um assunto carregado duma “imensa riqueza histórica, simbólica, psicológica e moral” (MOURÃO-FERREIRA, 1966, p. 214). Emerge fortemente da poética de Mourão-Ferreira a relação do ser humano com o sagrado e com o interdito, com o dizível e com o indizível (cf. MOURA, 1983, p. 237). Neste poema é evidente a procura de uma relação imediata entre as personagens históricas e por isso *dizíveis* e a realidade contemporânea, também essa real, mas *indizível*. O confronto entre a história social e cultural de povos interligados pelo destino com um futuro nublado, impreciso. Este estado de agitação e de tumulto atrai a atenção e o génio do poeta, que o conduz a uma explicação quase obrigatória do sentimento de repulsão perante tal situação de dominadores e dominados. O *rimance*, composto por 82 versos em redondilha menor, narra a história e as imagens da Conjuração Mineira enriquecida pelos novos elementos de esclarecimento, estudo e investigação histórico-literária. A alternância conexa – presente/passado – é constante ao longo do poema, estratégia literária que capta a atenção do leitor, endereçando-o a uma compreensão global e cronológica do mito identitário brasileiro.

O poeta parte da sua estadia em Ouro Preto para procurar a Vila Rica de setecentos, capital da Capitania de Minas Gerais e cenário da contestação

de 1789: aí se realizavam as reuniões clandestinas dos revoltosos contra o poder da monarquia lusitana representada pelos políticos portugueses que aí viviam nomeados pelo rei. A Vila Rica de Ouro Preto, encravada na região da Serra do Espinhaço, aos pés do Pico do Itacolomi, era o centro cultural, político e económico da Capitania de Minas Gerais, onde a riqueza mineira era abundante. “Vila Rica, a opulenta cidade do ouro negro fica a cerca de 15 dias de caravana de mulas da sede do vice-reinado, Rio de Janeiro. A estrada para a zona montanhosa brasileira [...]”. (MAXWELL, 2002, p. 108)

É então que o poeta sente a necessidade de citar a obra por excelência sobre a questão da Conjuração Mineira, isto é:

trouxe comigo Cecília
para ver de Inconfidentes
rasto de rasgos antigos (MOURÃO-FERREIRA, 1986, p. 44)

Tais “rasgos antigos” são identificados pelo poeta nos protagonistas da conspiração. Não querendo esquecer ninguém, “Outros mais que o tempo olvida” (MOURÃO-FERREIRA, 1986, p. 44), nomeia os intelectuais que lhe deram vida, Tomás António Gonzaga, Inácio José de Alvarenga Peixoto e Cláudio Manoel da Costa. Paralelamente, a estas figuras históricas, personagens activas da Inconfidência Mineira, o poeta acrescenta uma outra triáde de autores, que, desta vez, têm a função de esclarecer aos seus contemporâneos e a ele próprio tal evento político, só que agora sem medo de censuras ou outros tipos de poderes de coerção. Através de uma comparação parafrástica o poeta ultrapassa séculos de história e ousa reler e analisar de modo novo os eventos luso-brasileiros de finais de setecentos. Fá-lo identificando *vozes* de intelectuais modernos que tentam com as suas obras clarificar o misterioso mito personificado pelos inconfidentes.

Gonzaga Cláudio Alvarenga
[...]

Outras vozes se acrescentam
Tornando a visão mais límpida
São agora as de Bandeira
De Nemésio de Murilo
Que vão rompendo o silêncio (MOURÃO-FERREIRA, 1986, p. 44)

Tomás Gonzaga, luso-brasileiro, desempenhava as funções de desembargador e tinha-se associado ao grupo dos inconfidentes que estimulava a revolta em Vila Rica, assim como os poetas mineiros Cláudio e Alvarenga Peixoto, ambos de origem brasileira, que desempenhavam funções de advogados.

A estas três figuras brasileiras, representantes da vontade de nacionalidade, o autor contrapõe outros poetas, desta vez seus contemporâneos, que, à semelhança dos anteriores, também se ocuparam da questão da Conjura Mineira de Vila Rica.

Seguindo uma linha pessoal e bem determinada, Mourão-Ferreira introduz, ao lado dos protagonistas da Conjuração Mineira, três velhos amigos. Começa com Manuel Bandeira, escritor e poeta brasileiro que durante um breve período da sua vida (1926) morou em Pouso Alto (Minas Gerais), onde trabalhava para um jornal. É interessante notar que Manuel Bandeira se interessou muito sobre a questão defendida pelos inconfidentes e a este propósito escreveu não só o *Guia de Ouro Preto*, publicado no Rio de Janeiro em 1938, mas também a *Autoria das Cartas Chilenas*, publicado no Rio de Janeiro em 1940 (separata da *Revista do Brasil*, abril). Estes volumes analisam e esclarecem alguns dos mistérios ligados ao mito identitário brasileiro e ao grupo dos inconfidentes. São obras nas quais o autor intervém e propõe uma determinada leitura da questão. Segue-se Vitorino Nemésio Mendes Pinheiro da Silva, intelectual açoriano e uma das personagens emblemáticas do intercâmbio cultural luso-brasileiro, principalmente dos anos '50-'60, que cultivou a sua típica inspiração popular e não deixou de 'olhar' para essa humanidade sofredora. Nemésio também se ocupou do evento de Vila Rica e publicou *O Segredo de Ouro Preto e outros caminhos* (1954) com a Editora Bertrand, em Lisboa. Falando acerca deste livro Nemésio declara ter terminado a tarefa esmagadora das provas do campo de São Paulo, ao qual, sem preconceitos ou temores, chama martírio (Cf. *Jornal Diário*, 29 de Julho de 1954). Por fim, é citado Murilo Monteiro Mendes, autor brasileiro que nas suas obras se manteve fiel às cenas mineiras reais, pondo-as em relação com as realidades vividas hoje nas minas da Sicília e da Espanha (países que visitou e onde viveu). Assim, no ano de 1954 é publicado o volume *Contemplanção de Ouro Preto*, no qual Murilo Mendes, realizando uma transformação da sua linguagem escrita, tenta criar ao longo do enredo do seu livro a mesma atmosfera que se vivia nas cidades mineiras do século XVIII.

Recordemos que a conjuntura política e social que se vivia na Europa nos finais do século XVIII alimentava os espíritos mais rebeldes. De facto, alguns brasileiros (principalmente provenientes de Ouro Preto) oriundos das classes sociais mais privilegiadas tinham viajado até à Europa por motivos de estudo. A maior parte deles frequentava a universidade de Coimbra, onde se licenciavam, outros encontravam-se na Europa por motivos comerciais.

De facto, o século XVIII foi um período de grande importância para a história do pensamento ocidental. A sociedade vivia um momento de

grandes mudanças que influenciavam fortemente o contexto político, económico e cultural, criando novas situações e problemáticas. Tal contexto complexo e dinâmico contribuiu ativamente para a explosão das duas grandes revoluções: Industrial e Francesa. O iluminismo foi uma das correntes intelectuais mais importantes deste período da humanidade e contribuiu para uma crescente racionalização da vida em sociedade. O homem comum estava submetido às normas sociais vigentes (feudais) e não conseguia sair deste sistema. A chamada de atenção dos iluministas para o estado das coisas vai contribuir para uma mudança radical da organização social em França e na Europa. Os estudantes e pensadores vindos da América Portuguesa vão ser influenciados não só pelas ideias iluministas europeias mas também pela independência dos Estados Unidos da América (1776). Aqueles que regressam à pátria, depois de terem vivido um período na Europa, sentem-se sem dúvida impelidos a apoiar e difundir o movimento de libertação da colónia, de modo especial relativizam e colocam em causa o exercício do poder político exercido indiretamente pelo monarca lusitano. Influenciados pelos postulados revolucionários que agitavam a França e que por influência inglesa e francesa tinham sido vitoriosos nos Estados Unidos, os inconfiáveis alimentavam o desejo de implantar em Minas Gerais um sistema republicano que possuísse o seu próprio código de leis modernas.

É certo, porém, que a memória dispersa-se e perde-se com o passar do tempo e, deste modo, deixa de ser a responsável das ações cometidas pelos homens no passado. Apesar disso, alguns versos do poema querem evocar aqueles tempos de valentia e coragem:

ai Ouro Preto Ouro Preto
já tão pouco Vila Rica
de um ouro preto tão preto
que é somente ouro de esquife (MOURÃO-FERREIRA, 1986, p. 45)

Acaba então, a primeira parte do poema, aquela que se refere aos eventos históricos que permanecem na memória coletiva da sociedade de Ouro Preto. Apesar de tudo, o poeta chama o leitor a uma reflexão, visto que o ritmo de vida apressada dos habitantes de Minas Gerais de hoje tende a ocultar os seus inerentes valores peculiares e fundamentais: a coragem, a honra, a fidelidade e o patriotismo. Por outro lado, a utilização do lema esquife remete-nos, sem dúvida, para uma ideia de desprezo/acomodação quer a interpretemos como embarcação pequena quer como caixão. A ideia dominante é a de impassibilidade – “tudo bem!”. Iniciamos, assim, uma segunda parte do texto na qual o génio de David Mourão-Ferreira

nos conduz do momento presente imediatamente para o passado. Através de uma lírica incomparável, onde predominam refinadas figuras de estilo metafóricas, a memória histórica torna-se criativa no pensamento. São introduzidas novas personagens do passado, mas sempre protagonistas da Conjuração Mineira. Quanto ao mítico herói brasileiro – Tiradentes –, é considerado como o defensor da liberdade e da opressão popular. Neste sentido e após o fim do período monárquico, este herói já foi objeto de estudo de várias análises historiográficas culturais, pois era considerado como o protagonista da Inconfidência Mineira. A construção da identidade nacional brasileira, principalmente nos fins do século XIX, perpetuou o forte simbolismo ligado à figura de Tiradentes como herói (CARVALHO, 2011, p. 67), pois a sua imagem era sinónimo de liberdade, coragem, abnegação, sacrifício, patriotismo, elementos integrantes das experiências sociais, culturais e políticas da sociedade brasileira, desde o século XVIII (FONSECA, 2002, p. 441). Ora, o alferes Tiradentes, mártir da liberdade, é introduzido no poema através da utilização de substantivos evocativos e extremamente significativos:

Que pulsos que mãos que dentes
Fazem tremer estes vidros (MOURÃO-FERREIRA, 1986, p. 45)

As comparações antitéticas – céu/mar; presídio/degredo; turvo labirinto – querem recordar as condições de vida nas quais se encontravam os ativistas da conjuração, os Inconfidentes, e em especial a ação resolutiva do poder monárquico nesta região: a detenção e o fim dos poetas Inconfidentes Gonzaga, Cláudio e Alvarenga. E sem mais nada, ouve-se então:

[...] o pêndulo
De um passado muito ambíguo (MOURÃO-FERREIRA, 1986, p. 45)

Ora, o vocábulo “pêndulo” torna-se uma palavra-chave porque nos transporta para um passado bem determinado, onde revivem figuras e imagens históricas. Nesta fase, os protagonistas já não são os Inconfidentes mas os portugueses que se encontravam na América Portuguesa. Juntamente aos heroísmos lusitanos o poeta não hesita em recordar o comportamento ambicioso e sem limites tido pelo poder político e social português que vigorava em Ouro Preto durante o século XVIII. À repressão, à cobiça e aos roubos ilimitados lusitanos, característicos daquela época, contrapõem-se a dignidade, a coragem e até a ousadia das vidas brasileiras perdidas durante a revolta mineira de Vila Rica. A desmesurada cobiça que dominava então os

portugueses, como se sabe, leva a uma vida de prazeres e de concubinação na corte portuguesa sem qualquer preocupação pelo futuro. Gasta-se assim, grande parte das receitas e do ouro brasileiro, provocando-se uma grave crise económica em Portugal. Através duma linguagem cuidada e extremamente metafórica, David Mourão-Ferreira identifica-se com os portugueses da época, mas não pode fazê-lo sem introduzir uma consideração sobre o facto histórico passado que depende da sua experiência de vida feita no futuro:

Pobres de nós morrendo
de tropical nostalgia
sem cura para a grangrena
expulsos do paraíso (MOURÃO-FERREIRA, 1986, p. 45)

A “doença” dos portugueses é tal que nem a arquitetura do Aleijadinho consegue curar, antes pelo contrário, as igrejas e monumentos por ele projetados e construídos aumentam a perdição e a dor sincera dos portugueses.

Este novo regresso ao presente/passado constitui a terceira parte do poema. Essa sociedade cosmopolita, caracterizada por “[...] mulatos brancos pretos [...]” (MOURÃO-FERREIRA, 1986, p. 46), se bem que derrotada é heroína de um povo que procura a sua identidade. Essas almas feitas de pedra-sabão (material trabalhado pelo Aleijadinho) que não puderam ver a ilha Pedra Menina, crescer.

Aqui apenas o berço
de uma nação não nascida
Quem sabe [...] (MOURÃO-FERREIRA, 1986, p. 46)

No entanto, o poeta canta a força (esquecida) daqueles que lutaram sem conseguirem obter, mas que a arte poética pode justificar e fazer viver/reviver apesar da influência contínua dos sistemas dos poderes políticos e dos interesses pessoais característicos da raça humana.

Na realidade, a riqueza material, esse tal ouro tão desejado e cobiçado pelos homens, hoje escasseia, mas não é por isso que Ouro Preto deixa de ser Vila Rica. São, de facto, as vidas dos Inconfidentes do passado e dos homens de hoje que constroem a riqueza desta cidade. Por isso, o poeta afirma:

Já não sei se és Ouro Preto
ou se afinal Vila Rica
na transcendente riqueza
de tudo quanto me indicas (MOURÃO-FERREIRA, 1986, p. 46)

O projeto libertador organizado pelos Inconfidentes tinha as suas raízes num contexto político e cultural típico do passado, mas que criava as bases para um futuro, mesmo se de modo involuntário. Assim, com o decorrer do tempo e numa perspetiva historiográfica, a ideia de autonomia começou a ser interpretada como uma grande utopia libertadora e nacionalista. Esquecido, pois, o episódio da Inconfidência Mineira inicia-se um novo e longo processo que dá vida e termina com a independência do Brasil. Através de um olhar retrospectivo e após a realização do grande objetivo do povo brasileiro os estudiosos redescobrem o acontecimento dos Inconfidentes de Ouro Preto como substrato da história brasileira. Com a sua sensibilidade e eloquência singulares David Mourão-Ferreira acolhe no seu poema um episódio histórico que se torna profundamente rico quando interpretado à luz do presente e principalmente da convivência social de hoje.

Referências bibliográficas

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FERNANDES, Leonardo Paiva. O “entre-lugar” no romanceiro da Inconfidência: a retratação de Chico Rei e Chica da Silva. *Travessias*, Paraná, v. 5, n. 2, p. 280-298, 2011.

FONSECA, Thaís Nívea de Lima e. A Inconfidência Mineira e Tiradentes vistos pela Imprensa: a vitalização dos mitos (1930-1960). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 439-462, 2002.

JARDIM, Márcio. *A inconfidência mineira, uma síntese factual*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1989.

MAXWELL, Kenneth. *A devassa da devassa: a inconfidência Mineira: Brasil/Portugal 1750-1808*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

MOURA, Vasco Graça (posfácio). *Antologia poética (1948-1983)*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1983.

MOURÃO-FERREIRA, David Mourão. *Hospital de Letras: ensaios*. Lisboa: Guimarães Editores, 1966.

MOURÃO-FERREIRA, David Mourão. *Antologia Poética*. Lisboa: INCM, 1968.

MOURÃO-FERREIRA, David Mourão. Romance de Ouro Preto. *Colóquio*, Lisboa, n. 94, p. 44-46, nov.1986.

MOURÃO-FERREIRA, David Mourão. *Obra poética 1948-1988*. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

NEVES, Guilherme Pereira das. Sociabilidades modernas e podres tradicionais no Rio de Janeiro de 1794. *Actas do Congresso Internacional Espaço Atlântico de Antigo regime: poderes e sociedades*. Lisboa: IICT / CHAM, p. 1-16, 2005.

RIBEIRO, Maria de Fátima Maia. *Acasos de uma errância brasileira*. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 4, p. 282-300, out. 2000.

UTÉZA, Francis. La Grande-Mère dans le *Romanceiro da Inconfidência* de Cecília Meireles. *Quadrant*, Montpellier (Presses universitaires de la Méditerranée), p. 243-259, 2008-2009.

VASCONCELOS, Diogo de. *História Antiga das Minas Gerais*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

VIEIRA, Martha Victor. Portugueses do Brasil: a questão identitária na poesia dos inconfidentes mineiros. *Actas do Congresso Internacional Espaço Atlântico de Antigo Regime: poderes e sociedades*, Lisboa: IICT / CHAM, p. 1-7, 2005.